



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

NATASHA TONETTI ABDUL HAK

**A (IN)FELICIDADE EM TEMPOS NEOLIBERAIS:
RELAÇÕES COM MODOS DE EXISTÊNCIA NAS CIDADES**

BRASÍLIA

2022



NATASHA TONETTI ABDUL HAK

**A (IN)FELICIDADE EM TEMPOS NEOLIBERAIS:
RELAÇÕES COM MODOS DE EXISTÊNCIA NAS CIDADES**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Leonardo Cavalcante Araújo de Mello

BRASÍLIA

2022

*Aos que se inquietam e, sobretudo, aos
que ainda se inquietarão diante do
cenário vigente.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, às pessoas do território no qual estive, pelos aprendizados intensamente mobilizadores que pude ter.

À Emily, que persistiu em me incentivar do início ao fim dessa pesquisa. Sua presença foi visceral.

A todos os professores e às professoras que me mostraram ser utópico pensar em uma Psicologia que não se constrói com enlaces políticos e sociais.

Ao Leo, meu orientador, que me abriu as portas para um campo de estudos com imenso potencial de colocar em prática o compromisso ético-político da Psicologia.

Quem pode dizer onde a felicidade está?

(Zé Ramalho)

RESUMO

Frente à contemporaneidade dos efeitos do neoliberalismo, é preciso investigar seus paradigmas, tendo em vista que tanto seus valores quanto suas normas perpassam pelos processos de individualização dos sujeitos. Nesse sentido, a felicidade se torna um instrumento de aprimoramento da produção e do desempenho, sendo vivenciada como uma obrigatoriedade. Diante desse cenário, a presente pesquisa buscou investigar como a cultura da felicidade no neoliberalismo se relaciona com os processos de sofrimento psíquico vivenciados pelos sujeitos nas cidades. Utilizou-se de uma metodologia qualitativa de pesquisa e, para a análise das informações, apoiou-se no referencial metodológico e epistemológico da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa. Para investigar de que formas a cultura neoliberal de felicidade se articula com os modos de existência nas cidades, portanto, foi realizado um trabalho de campo em um território na região central da cidade de Brasília (DF), por um período de três meses. A partir da aproximação de vínculo entre a pesquisadora e os participantes, foram conduzidas três entrevistas do tipo semiestruturada, organizada por perguntas abertas e fechadas. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Pela metodologia da AD, a análise das informações qualitativas consistiu em traçar as hipóteses sobre os lugares ideológicos dos quais os participantes se manifestaram. Além disso, pelo fato da pesquisadora ter se inserido em campo, os resultados da pesquisa foram discutidos não apenas pelas vivências dos participantes e falas que emergiram das entrevistas, mas também das observações e impressões da pesquisadora enquanto praticante da cidade. Como uma forma de organizar as discussões realizadas, a análise foi dividida em dois eixos temáticos, sendo eles: i) a felicidade como um imperativo moral; e ii) as (in)felicidades existentes na cidade. Em relação ao primeiro eixo analisado, foi possível destacar as nuances sociais, culturais e psicológicas da felicidade como um imperativo moral do neoliberalismo, além de uma significativa negação das outras formas de sentimento. Já no que se refere ao segundo eixo temático, foram observadas as relações entre os modos de existência nas cidades e o imperativo neoliberal de felicidade, ressaltando, ainda, como esses ideais têm repercutido em formas de sofrimento psíquico para os sujeitos da cidade.

Palavras-chave: Felicidade; Neoliberalismo; Cidades; Sofrimento Psíquico; Produtividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
3. MÉTODO	14
RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
A felicidade como um imperativo moral	19
As (in)felicidades existentes na cidade	21
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	0
ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	1

1. INTRODUÇÃO

O anseio em tentar definir os caminhos para a felicidade não é novidade dos dias de hoje. Sendo uma temática que toca em pontos sociais, históricos, políticos e psicológicos, ela já foi abordada sob as mais variadas perspectivas: “da moral, da virtude, do prazer comedido, da moderação dos desejos, da posse de bens e do consumismo, da contemplação, da racionalidade e do conhecimento” (SOUZA e OLIVEIRA, 2018, p. 16).

Pelas lentes da moralidade na Grécia Antiga, por exemplo, Platão defendia que a felicidade só seria experienciada pelos sujeitos que agissem absolutamente conforme a razão. Para tanto, eles deveriam se afastar das experiências sensíveis, levando-os a se aproximarem do mundo material e inteligível, pois seria apenas por meio desse caminho que o sujeito conseguiria se aproximar dos deuses (SEWAYBRICKER, 2012). Em contrapartida, para Epicuro, a felicidade consistia em viver conforme os prazeres da vida, no entanto, sem eliminar a fonte dos sofrimentos, uma vez que estes deveriam ser superados para que se alcançasse a felicidade com plena sabedoria (SEWAYBRICKER, 2012).

Já à época do Iluminismo, os conhecimentos técnicos-científicos começaram a ser mais valorizados diante do paradigma positivista. Agir conforme a razão seria o alicerce para a realização pessoal do sujeito, da qual, segundo Souza e Oliveira (2018), inculcia em felicidade. Além disso, com os fortalecimentos da produção industrial, da burguesia e do capitalismo, a felicidade passou a ser mensurável e associada ao consumo nas suas mais distintas formas (SEWAYBRICKER, 2012).

Na contemporaneidade, não é raro encontrar nas livrarias livros que prometem ter encontrado os caminhos para a felicidade ou, ainda, uma constante exposição dos sujeitos se apresentando como satisfeitos e alegres nas mídias sociais. Conforme o que a autora Fortes (2009) sugere, a felicidade parece ocupar o principal objetivo de vida dos sujeitos contemporâneos, transformando-a em uma certa obrigatoriedade da qual, inclusive, não se tem espaço para os sofrimentos.

Segundo Han (2017), há um exagero de positividade que atualmente se expressa de forma sistêmica. Para o autor, uma das razões pelas quais isso ocorre é em função da maximização do desempenho, incentivada pelo neoliberalismo (HAN, 2017). Aqui,

sublinho as palavras de Tavares (2021): “o fenômeno do *coaching*, nesse ritual de produzir felicidade, indivíduos não sofredores, mostra-se como uma forma atualizada do neoliberalismo de conduzir os vivos” (p. 142, grifo nosso).

Cabe destacar, portanto, que o presente trabalho parte do princípio de que as máximas de desempenho e autoaperfeiçoamento são potencializadas pelo sistema normativo neoliberal, compondo, ainda, as dimensões subjetivas da vida dos sujeitos (DARDOT e LAVAL, 2016). As cidades, por sua vez, são organizadas por diferentes espaços nos quais os sujeitos agem e se fazem presentes na realidade. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que elas expressam diferentes modos de existência, há, também, regularidades que demonstram os aspectos estruturais da sociedade (MASCARENHAS, 2021).

À vista desse cenário contemporâneo, levantou-se a hipótese de que a felicidade está sendo experienciada como um imperativo do neoliberalismo. Assim, a proposta do presente trabalho foi se aprofundar na investigação acerca dos significados de felicidade para o neoliberalismo e suas relações com as vivências da cidade. Por outro lado, saltou-se o seguinte questionamento: “De que formas esses imperativos de felicidade da cultura neoliberal se articulam com as formas de sofrimento vivenciadas nas cidades?”.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar como a cultura da felicidade no mundo contemporâneo se relaciona com os processos de sofrimento psíquico vivenciados pelos sujeitos nas cidades. Como objetivos específicos, elencam-se três: (i) analisar os determinantes sociais, culturais e psicológicos da felicidade como um imperativo moral no neoliberalismo; (ii) interpretar as articulações entre os modos de existência nas cidades e a cultura neoliberal de felicidade; (iii) compreender como os sujeitos significam a (in)felicidade em suas vidas nas cidades.

De maneira a contemplar os objetivos explicitados, o estudo foi organizado nas seguintes etapas:

- (i) discutiu-se as nuances sociais, políticas e psicológicas que estão por trás do neoliberalismo, buscando relacioná-las não apenas com a perspectiva de

- felicidade na cultura neoliberal, mas também com as formas de sofrimentos psíquicos que podem estar implicados nessas produções de sentido;
- (ii) para investigar os efeitos disso nos modos de existência nas cidades, realizou-se um trabalho de campo que será mais bem explicado na seção do Método.
 - (iii) na seção de resultados e discussão, articularam-se as ideias trabalhadas na fundamentação teórica com as informações qualitativas que foram construídas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Se propor a discutir sobre felicidade é adentrar em um campo polissêmico que pode guardar muitas controvérsias. Todavia, apesar de haver uma ampla discussão sobre o tema, há um fator que se faz presente em diferentes momentos históricos: a compreensão de que além da felicidade ser um desejo comum entre os seres humanos, ela também é algo almejado constantemente (SOUZA e OLIVEIRA, 2018; SEWAYBRICKER, 2012; FILHO, 2009).

Dando um salto para o Brasil contemporâneo, observa-se que a sociedade brasileira é transpassada pela perspectiva neoliberal (CHAUI, 2020; HAN, 2017; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; STECHER e FÁBIAN, 2017). Na obra *A Nova Razão de Mundo*, Dardot e Laval (2015) tracejaram os caminhos pelos quais o neoliberalismo tem se configurado, se estabelecendo como um modelo para muito além de um sistema político e econômico. Trata-se sobretudo de um sistema normativo, que traz em sua estrutura discursos e concepções acerca de como os sujeitos deveriam se posicionar não apenas no âmbito econômico, mas principalmente no âmbito da subjetividade. Desse modo, um dos eixos centrais dos autores é a ideia de que o neoliberalismo se constitui enquanto uma racionalidade que visa a “generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT e LAVAL, 2015, p. 15).

Diante desse cenário, as relações mercadológicas não são mais exclusivas da esfera econômica, podendo vir, inclusive, a delinear os processos de subjetivação do sujeito contemporâneo (DARDOT e LAVAL, 2015). Em torno de duas décadas atrás, Birman (1999) assumia uma postura crítica acerca dos modos de agir da sociedade moderna. Notou-se, à época, que os sujeitos estavam inseridos em uma lógica a qual o

autor denominou de *estetização da existência*. Isso significa dizer que diante de uma *cultura da imagem*, os sujeitos se voltam constantemente para as *performances* que desempenham (BIRMAN, 1999).

É por esse sentido que a felicidade tem sido vista como um imperativo, sendo transformada em uma obrigatoriedade, um dever; por outro lado, busca-se negar os desprazeres que são inerentes à condição humana, como a tristeza, por exemplo (FORTES, 2009). A esse modo de agir, denomina-se hedonismo, doutrina filosófica na qual o prazer é tido como o fim supremo de toda a vida (FILHO, 2009; FORTES, 2009). Hoje, a felicidade é algo a ser conquistado, instrumentalizando-se na ordem do consumo, do desempenho e da produtividade (FARIAS e DINIZ, 2018; SEWAYBRICKER, 2012).

Assim, pelas lentes neoliberais, o interesse agora é pelo sujeito sadio, feliz nos moldes neoliberais e apto a continuar colaborando com a produtividade, tendo em vista que passa a se enxergar como empresário de si e capital humano (HAN, 2017; SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021). Em contraste, parece haver uma tentativa de afastamento total do sujeito de seus afetos e emoções tidos como negativos, e a saída tende a girar em torno de produzir ainda mais para se desviar desses sentimentos (FIGUEIREDO, 2018; HAN, 2017). Costuma-se não ter espaço, portanto, para o sujeito validar e compreender tudo o que sente, já que a autoeficácia só deve aumentar a cada dia que passa (FIGUEIREDO, 2018; HAN, 2017).

Essa tendência contemporânea remete ao racionalismo tradicional e empírico de Descartes, em que a separação entre alma e corpo era condição para que o conhecimento fosse construído (SEPE, 2013). Visto que “as imagens, produtos das sensações e percepções corporais, são obscuras, confusas, subjetivas, enquanto o conhecimento que provém da razão é claro, distinto e certo” (SEPE, 2013, p. 28).

Aqui, é possível referenciar Espinosa, que defende, na sua Teoria dos Afetos, a tese de que corpo e mente são uma unidade em si mesma (CHAUI, 2019). Isso significa que, para o filósofo, todo conhecimento e todas as formas de existência têm como origem o próprio afeto que se passa na mente e no corpo simultaneamente. Baseado nisso, a força vital do sujeito varia de intensidade conforme a maior aproximação entre o que se passa nessas duas estâncias. O campo dos afetos oriundos da tristeza, por

exemplo, seria o que mais diminui a potência para agir; contudo, é necessário passar por eles para que estes sejam transformados em alegria e, portanto, em ação para o conhecimento (CHAUI, 2019). A autora e filósofa Marilena Chaui salienta: “pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles” (idem, p. 156).

Na obra *O Mal-Estar Na Civilização (1930)*, por exemplo, Freud considera a felicidade como um objetivo complexo, visto que a experiência do prazer, associada à felicidade, só é possível a partir da satisfação momentânea de um desejo que é continuamente transferido para outros objetos. Nesse sentido, a sensação de prazer é sempre caracterizada como passageira e, por isso, o estado permanente de felicidade é inalcançável, fazendo dessa busca um potencial caminho à exaustão (FREUD, 1930).

No que se refere a esse cansaço, Han (2017) entende que o sujeito contemporâneo é atravessado por uma espécie de *coação por desempenho*. De acordo com o autor, ser funcional é o que predomina como prioridade máxima para o neoliberalismo. Sendo assim, o que se vê atualmente é o *sujeito do desempenho*: aquele que busca produzir incessantemente, enxergando tal esforço como um atributo positivo de valorização pessoal e social (HAN, 2017). Partindo dessa perspectiva, o efeito perverso do neoliberalismo se revela nessa aproximação do desempenho ao gozo. Conforme o que Dardot e Laval (2015) dizem,

exige-se do novo sujeito que produza “sempre mais” e goze “sempre mais” e, desse modo, conecte-se diretamente com um “mais-de-gozar” que se tornou sistêmico. A própria vida, em todos os seus aspectos, torna-se objeto dos dispositivos de desempenho e gozo. Esse é o duplo sentido de um discurso gerencial que faz do bom desempenho um dever e de um discurso publicitário que faz do gozo um imperativo (DARDOT e LAVAL, 2015, p. 347).

Nesse aspecto, cabe aprofundar o que se entende como papel do Estado nesse modelo. É comum atribuir ao neoliberalismo a premissa de que existe uma mínima intervenção estatal, todavia, o que se arquiteta é uma nova configuração dos papéis do Estado. Se, no liberalismo clássico, uma das funções do Estado era regular as atividades do mercado, agora, espera-se que o sujeito se responsabilize por uma espécie de *autogoverno* (DARDOT e LAVAL, 2015).

Acontece que o Estado neoliberal se esquivava de sua responsabilidade em garantir direitos sociais e civis, pois vende-se a ideia de que os princípios de uma liberdade

individual estão associados à liberdade de mercado, compreendendo que a privatização de bens e serviços são formas de se alcançar autonomia e estabilidade (FARIAS e DINIZ, 2018; SILVA e ALEXANDRE, 2019). Nas situações em que o sujeito acredita não ter alcançado o que se esforçou para conseguir, esse confronto é frequentemente acompanhado de uma culpabilização de si mesmo, desprezando os atravessamentos sociopolíticos por trás desses cenários (DUNKER, 2021; KEHL, 2009). Chaui (2020) sublinha que o sistema neoliberal é “dominado pelo princípio universal da concorrência disfarçada sob o nome de meritocracia” (p. 321).

É por essas vias de sentido que, no neoliberalismo, o discurso empresarial não se centraliza apenas no âmbito do trabalho, mas, sim, em vários outros contextos da vida do sujeito (DARDOT e LAVAL, 2015). Os próprios sujeitos podem vir a internalizar essa obrigatoriedade de estar constantemente aprimorando seu próprio desempenho, uma vez que acreditam que esse é o verdadeiro caminho para alcançar o bem-estar (FRANCO et al., 2021). Frente a esse cenário, a felicidade se torna mercantilizada e passa a ser inteiramente de responsabilidade do sujeito no neoliberalismo, o que leva à configuração de um legítimo paradoxo, conforme Barros e Nascimento (2018) apontam:

se adotarmos que essa concorrência imposta pelo neoliberalismo sugere uma busca incessante, antes por qualificações/técnicas, mas agora pela melhor versão de si mesmo, é possível pensar que esse regime propicia a existência de um adoecimento dos indivíduos por não terem alcançado o objetivo e por não conseguirem fazer parte desse cenário de sucesso, felicidade e prosperidade que lhes foi prometido (p. 137).

Com base nisso, Safatle (2021) salienta a indispensabilidade de uma perspectiva crítica das performances as quais os sujeitos são incentivados a desempenhar na sociedade e as contradições advindas desta. Como um exemplo estatístico que demonstra uma das mãos do paradoxo dessas concepções neoliberais de felicidade, vale se atentar para o alto índice de depressão na contemporaneidade. Em 2022, foi divulgada uma nota oficial da OMS, em que se destacava o aumento da depressão em 25%, em nível global, ainda no primeiro ano da pandemia de Covid-19¹.

¹ Disponível em: <https://www.who.int/news/item/02-03-2022-covid-19-pandemic-triggers-25-increase-in-prevalence-of-anxiety-and-depression-worldwide>

Não é à toa que a depressão tem sido considerada como uma patologia do social, tendo em vista que ela é um dos sofrimentos psíquicos que mais se alastram nos dias de hoje, pois tende a se expressar como um dos desdobramentos da capitalização das experiências que o neoliberalismo traz (KEHL, 2009; DUNKER, 2021). Conforme Han (2017) chama a atenção, a depressão como a grande protagonista dos diagnósticos atuais tem sido o reflexo de uma positividade exacerbada diante da romantização do *sujeito de desempenho*.

As cidades, por exemplo, são constituídas mediante as formas pelas quais os sujeitos se relacionam com os seus espaços, demonstrando que são construídas juntamente dos processos histórico-culturais ao longo do tempo (FARIAS e DINIZ, 2018). É nesse sentido que os territórios das cidades podem vir a expressar diferentes efeitos do que se passa na cultura dessas populações (MASCARENHAS, 2021; D'ÂNGELO, 2006; MACERATA, 2015). Nas palavras de Macerata (2015),

não se pode mais definir a cidade em termos de espacialidade. O fenômeno urbano mudou de natureza: ele diz respeito diretamente à produção da existência, seja no que tange ao próprio vivente urbano quanto ao que está fora da cidade, já que ela é o centro de onde advêm as ações sobre o meio ambiente, onde a sociedade e seus modos de vida são produzidos (p. 66).

Tais contrastes com relação aos modos de existência dos sujeitos remete às próprias organizações das cidades e dos seus espaços. Partindo dessa perspectiva, em um país marcado por históricos de desigualdades e vulnerabilidades socioeconômicas como o Brasil, é questionável a afirmação de que todas as classes sociais consideram a cultura neoliberal como uma cultura da felicidade.

3. MÉTODO

O presente estudo se guiou por uma metodologia qualitativa de pesquisa, de natureza exploratória. Tal escolha se fez necessária diante da complexa articulação de nuances políticas, sociais e históricas, que se associam aos significados de felicidade na contemporaneidade, bem como às relações desses com os modos de existência nas cidades. Sabe-se que essa abordagem metodológica é utilizada principalmente quando se trata de compreender o objeto de estudo por seu nível de detalhamento e intensidade, assim como por sua dialética não linear (MINAYO, 2016).

Ademais, as informações qualitativas foram construídas a partir do pressuposto no qual os sujeitos/objetos também são atores da realidade em que se encontram (DEMO, 2001). Na inserção de campo, por exemplo, foi esperado que houvesse interações entre pesquisadora e participantes, sendo isso uma condição fundamental para que as informações qualitativas pudessem ser construídas (MINAYO, 2016; DEMO, 2001).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer de número 5.108.097. Buscou-se conduzir entrevistas com pelo menos três participantes. Como critério de escolha, os participantes teriam que estar trabalhando com alguma ocupação na qual se vivia intensamente a cidade, como: motoqueiros de serviços de entrega; motoristas empresariais; moradores de rua ou, ainda, trabalhadores de contextos informais. Assim, entrevistaram-se três pessoas, sendo elas: i) Isabel², trabalhadora de uma lanchonete local do território; ii) Júlia³, uma trabalhadora de empregos informais, que morou nas ruas do território em questão por mais de uma década; iii) e Bruno⁴, que estagiou no território por cinco meses.

As entrevistas foram do tipo semiestruturada (Apêndice A), com duração em torno de uma hora, e aconteceram individualmente em dias e horários distintos, conforme o que era possível dentro do cotidiano dos participantes. No que se refere ao local, levou-se em consideração a preferência dos participantes. Somente após o esclarecimento dos objetivos da pesquisa e das eventuais dúvidas é que os participantes foram solicitados a consentirem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

Foi utilizado um gravador para o áudio das entrevistas e canetas para preenchimento dos termos. Além desses instrumentos, o diário de campo foi fundamental para que a pesquisadora registrasse percepções, afetos e emoções que “escapassem” ao discurso falado nas entrevistas, que serviram de complementação às informações dos procedimentos de análise (MINAYO, 2016). Ressalta-se que as etapas

² Nome fictício.

³ Nome fictício.

⁴ Nome fictício.

referentes à gravação e à transcrição das entrevistas também foram realizadas mediante autorização dos participantes.

Com relação à escolha do referencial metodológico e epistemológico para a análise das informações qualitativas, fez-se uso da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, baseada nos trabalhos de Michel Pechêux. De acordo com Orlandi (2005, p. 15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento.” É por esse percorrer que seu objetivo central consiste em identificar as construções simbólicas que sustentam as falas dos sujeitos, compreendendo haver, no discurso, ideologias que se manifestam dentro de um contexto sócio-histórico. Analisar discursos, portanto, é alçar hipóteses sobre os lugares nos quais o sujeito se manifesta ideologicamente, indo além da superfície da qual se fala (ORLANDI, 2005; IRRIBARY, 2003). E para traçar esses processos de produção de sentido, articula-se tanto os “ditos” quanto os “não ditos”, sendo o silêncio também considerado uma forma de linguagem e de comunicação (ORLANDI, 2005).

Aqui, faz-se necessário destacar que toda a análise das informações qualitativas fora atravessada pela interpretação da pesquisadora. Ao escolher um ponto de partida para a análise dos discursos, o investigador não é um objeto neutro de pesquisa; ao contrário, ele preocupa-se com a objetividade do referencial metodológico, mas ainda opera como um intérprete das vias de sentido que foram delineadas na interlocução com os sujeitos/objetos de pesquisa (MINAYO, 2016; ORLANDI, 2005). A autora Minayo (2016) salienta que é apenas a partir dessas interações que se constrói a compreensão dos campos simbólicos estudados.

Para a construção do material de análise, portanto, foram adotados os seguintes procedimentos: (i) transcrição das entrevistas semiestruturadas, de modo que se mantivessem o estilo e vocabulário utilizados nos textos dos participantes, incluindo hesitações, reformulações de frases e/ou palavras e momentos de silêncio, por exemplo; (ii) a partir do detalhamento desses textos, levantaram-se hipóteses acerca dos sentidos ideológicos que estavam por trás dos discursos dos participante, somando-se aos registros do diário de campo utilizado; (iii) por fim, para que se organizasse a compreensão dos conteúdos, foram construídos dois eixos temáticos de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, os resultados da pesquisa foram discutidos através da articulação entre o que foi vivenciado no território e os referenciais teóricos utilizados. Assim, construíram-se as análises a partir de três pilares: i) revisão de literatura acerca do tema investigado; ii) vivências dos participantes e falas que emergiram de suas entrevistas; e iii) observações e impressões da pesquisadora enquanto praticante da cidade.

Para contemplar o fenômeno investigado em sua complexidade, foi realizado um trabalho de campo em um território localizado na cidade de Brasília/DF. Além de estar no centro da cidade, é, também, um território onde diferentes modos de existência se entrelaçam. Por ali se veem trabalhadores comerciais, informais e executivos, ambulantes, empresários e, ainda, muitas pessoas em situações de rua e vulnerabilidades socioeconômicas. Um território do qual se constroem múltiplas realidades, e que estas poderiam vir a expressar diferentes perspectivas de felicidade.

Empregou-se, ainda, a observação participante, que consistiu no ato de conviver ativamente com o grupo social a ser investigado, de modo a construir relações intersubjetivas entre a pesquisadora e os sujeitos investigados (MINAYO, 2016). Dessa forma, a pesquisadora estabeleceu relações diretas com os participantes da pesquisa, inserindo-se no território e aproximando-se das conjunturas socioculturais ali estabelecidas. Foi apenas através dessas interações, que se fez possível adentrar e compreender os campos simbólicos manifestados no território em questão.

Foram 13 idas à campo no total, entre os meses de abril a junho de 2022, semanalmente, nos mesmos dia e horário. A escolha dos três participantes investigados só foi possível após os três meses de vinculação ao território e estreitamento de vínculos com a população. Além disso, como maneira de aproximar o leitor às formas como os participantes se relacionam com o território, foram feitas, abaixo, breves descrições sobre quem são esses sujeitos.

Júlia, 27 anos, morou nas ruas do território por quase uma década, trazendo consigo um histórico de experiências que frequentemente compõem os modos de existência das populações de rua: situações marcadas por violências físicas, afetivas e psicológicas, preconceitos e discriminações, segregações e uso abusivo de substâncias

nocivas, como o *crack*, por exemplo. Hoje, já faz dois anos que Júlia reside em uma casa, junto de sua mãe, num bairro afastado do território. Embora se tenha passado por todas as suas dificuldades ali, o território para ela é um lar onde suas raízes afetivas foram criadas, e no qual as pessoas mais significativas para ela ainda estão. Nesse sentido, para ela, ir ao território diariamente é uma maneira de se manter próxima de suas raízes identitárias. Realiza trabalhos em três lugares diferentes, todos voltados para o apoio e para a emancipação de pessoas em situações de vulnerabilidade. Júlia é uma sujeita que experiencia ativamente a cidade e suas ruas. Nos momentos de interações com as pessoas do território, Júlia estava entre todos, e, ao longo dos três meses de convívio, foi possível convidá-la para participar da pesquisa.

Isabel, 45 anos, residia em uma das cidades do entorno de Brasília (DF) e trabalhava no território há pouco mais de um ano em uma lanchonete localizada na área onde se transita diariamente grande parte das pessoas que ocupam o território de diferentes formas. Em momentos de conversas informais com Isabel, pude perceber que ela conhecia as pessoas dali pelos seus nomes, além de estabelecer pequenas trocas diárias com elas, seja na doação de um café, de uma refeição ou mesmo um digno e legítimo “bom dia, como você está?”. Quando eu ia ao campo, tinha o costume de comprar meu café nessa lanchonete, que foi uma das maneiras pelas quais, aos poucos, pude me aproximar de Isabel e observar que ela seria uma voz importante para a pesquisa. Frequentemente, ela estava sorrindo para os clientes enquanto trabalhava.

Daniel, 24 anos, residia em um bairro de classe média/alta em Brasília (DF) e realizava seu estágio com as populações de rua do território, por cerca de cinco meses. Nos dias e horário em que eu estava no território, Daniel me acompanhava. Como mediadores para abrir espaços às trocas afetivas e simbólicas com as pessoas dali, combinávamos de Daniel levar sanduíches e garrafas cheias de café. Contudo, no início dessa aproximação entre nós dois, não se sabia ainda que ele seria um participante para as entrevistas da pesquisa. Pela convivência, notou-se que, diante de suas experiências de vínculo ao território, entrevistá-lo seria essencial.

A análise foi dividida em dois eixos temáticos: 1) *a felicidade como um imperativo moral*; 2) *as (in)felicidades existentes na cidade*.

A felicidade como um imperativo moral

Como já comentado anteriormente, definir felicidade é uma tarefa complexa e, por vezes, labiríntica. Por outro lado, Sewaybricker (2012) defende que as noções de felicidade se tornaram simplistas e mercantilizadas na sociedade de consumo contemporânea.

Os jargões populares “seja você mesmo”, “você pode ser o que você quiser”, dentre outros, estão atrelados ao que Dardot e Laval (2016) destacaram sobre o sujeito se ver implicado em uma *ética da empresa*. Tal perspectiva pode vir a contribuir para que os esforços no trabalho sejam tidos como condições para a realização até mesmo pessoal dos sujeitos (DARDOT e LAVAL, 2016). Por essas vias de sentido, Júlia comentou sobre seus pontos de vista:

Quando é um bagulho que você... estudou pra aquilo, se esforçou pra aquilo, você ama fazer aquilo! Então, eu acho que quando você faz isso, que você sente prazer de acordar de manhã, cê levantar, escovar seu dente, tomar um banho e ir com todo o amor fazer... feliz pra trabalhar. Mas, quando é um trabalho que você só tem que trabalhar por trabalhar, eu acho que ele não é muito feliz... Mas, ele é um bagulho que te ocupa, é o que te banca.

Esse trecho de uma fala de Júlia esbarra em aspectos centrais da interface entre os modos neoliberais de operar e os ideais de felicidade disseminados na contemporaneidade. Como demonstraram Safatle, Junior e Dunker (2021), uma das características centrais do sistema neoliberal é o desejo que o sujeito associe sua noção de liberdade individual com as maneiras pelas quais opera em sua produção. Por meio do dispositivo *desempenho/gozo*, sublinhado por Dardot e Laval (2016), a nova tática do neoliberalismo é buscar instaurar a ideia do autoaperfeiçoamento contínuo como requisito para o alcance da felicidade.

Em um dado momento da entrevista, perguntei a Isabel de que maneiras ela compreendia a felicidade. Ela respondeu:

Cada um tem seu ponto de vista de felicidade diferente, né? Pra mim, minha felicidade é meus filhos estarem bem, tendo o que comer, o que vestir, estudando, tá faltando nada pra eles... e isso me deixa feliz! Né?

Uma das nuances que se pode perceber na sua fala é a felicidade estar associada à conquista de condições mínimas e indispensáveis que todo sujeito de direito deveria ter. Sabe-se que um dos efeitos do Estado neoliberal é, de fato, conduzir as pessoas a acreditarem que precisam se responsabilizar até mesmo pela garantia de seus direitos sociais e civis, desconsiderando os atravessamentos sociais e políticos (FARIAS e DINIZ, 2018; SILVA e ALEXANDRE, 2019).

Não obstante, chama-se a atenção para a forma como ela relaciona a felicidade com o seu trabalho:

A gente fica feliz trabalhando um com o outro aqui, brincando e tudo, mas é... acaba se tornando uma precisão com o nosso dia a dia, com nossa vida... Mas, felicidade mesmo, não. Né? A gente tenta descontrair pra poder passar o dia (...) é complicado, complicado. Mas aí a gente tenta virar o jogo, né? Pra não demonstrar... que a gente tá baqueado ou desanimado.

Durante essa fala de Isabel, notou-se que ela ficou bastante reflexiva sobre o tema. Houve pausas, frases inacabadas, reformuladas e, diante dessas pistas, levantei uma hipótese de que ela pudesse estar se esforçando para encontrar um sentido otimista para o cansaço que sente em sua rotina. Na minha experiência no campo, ainda, era costume vê-la sorrindo enquanto trabalhava, o que pode demonstrar seu esforço de não transparecer essas suas eventuais indisposições.

Essa questão remeteu ao que Han (2017) discutiu sobre a visão de sujeito no neoliberalismo, sendo este um sujeito frequentemente coagido a desempenhar-se, mesmo que isso envolva uma desautorização de sentimentos tidos como negativos para a produção. Por vezes, sentir-se feliz parece ser condição indispensável para o funcionamento da lógica neoliberal. Tais circunstâncias também são exemplificadas no trecho a seguir, de uma fala de Isabel:

Não é que é dif... não é que é fácil a nossa vida. A gente tem contas pra pagar, contas pra prestar, serviço pra poder continuar se mantendo e tudo, mas é uma coisa que dá prazer pra você fazer no dia a dia.

Nesta seção, buscou-se transitar pelos determinantes sociais, culturais e psicológicos da felicidade. A partir das análises explicitadas, diversos fragmentos dos discursos dos participantes foram de encontro ao que a autora Fortes (2009) discutiu

sobre a felicidade ser vivenciada como um imperativo moral da nossa época. De modo a nos lançarmos à próxima seção de discussão, abro a reflexão a partir da seguinte fala de Daniel:

Uma pessoa que não... não tem como, ela não consegue por algum motivo se reconectar com esses sentimentos significativos, afetivamente mobilizadores dela, ela geralmente não se autoriza, ela não é capaz de fazer muito além de... essa... essa lógica muito liberal, sabe? De não sair desse ciclo (suspiro) exaustivo!

As (in)felicidades existentes na cidade

Quando me inseri no território, era surpreendente conviver com as pessoas que por ali transitavam e/ou habitavam, bem como ouvir suas vivências. Historicamente, a rua costuma ser o espaço reservado aos que, de variadas maneiras, podem não ter se adaptado às performances esperadas nos âmbitos social, econômico e político (MACERATA, 2015). Diante dessa indagação, cabe recapitular as marcas da década de 70, as quais Birman (1999) já chamava a atenção. Dentre estas, o autor cita a significativa concentração de pesquisas voltadas para a depressão e as toxicomanias, por exemplo. Somado a esse fato, Safatle, Junior e Dunker (2021) também atribuem a esse período histórico os primeiros sinais de que o neoliberalismo estava se fortalecendo.

Não se deve encarar essa sequência de episódios apenas como coincidência, mas, sobretudo, como possíveis efeitos de performances idealizadas na cultura (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021; BIRMAN, 1999). Ademais, diante do percurso histórico do capitalismo e fortalecimento da burguesia, há uma certa urgência em enxergar as cidades para muito além de apenas espaços físicos (MASCARENHAS, 2021). Aqui, parte-se da premissa que os territórios são construídos por dimensões históricas, afetivas, simbólicas e políticas (MACERATA, 2015). São por essas vias de sentido que eles expressam diferentes modos de existência. Quando Macerata (2015) critica a utopia moderna de sociedade perfeita, a função da rua seria reduzida à locomoção do sujeito de um lugar para o outro.

Na entrevista com Júlia, conversávamos sobre como ela entendia a organização das cidades, e ela disse:

A cidade, a cidade... sempre, sempre tá sendo cidade. A rua tá sendo esquecida”.

Nesse trecho, faz-se evidente os impasses que Júlia enxerga entre cidade e rua. Em um outro momento, ela acrescenta:

Uma cidade sem rua? Não ia ter, uai... Mas, a rua foi feita pro ser humano viver nela, entendeu? (...) A população tá crescendo, tá crescendo, tá crescendo, e nós tá ficando pra trás, ficando pra trás, ficando pra trás. E nossa geração sempre vai ficar, ficar, ficar.

Ao expressar o trecho acima, Júlia se mobilizou, e pude perceber a intensidade de seus sentimentos enquanto ela refletia sobre todas as discriminações que já havia vivenciado, repetindo-se para enfatizar o que queria expressar. Em outras palavras, é possível dizer que ela fala de um lugar como se estivesse às margens da cidade, isto é, num lugar onde não é vista, em que é tida como inexistente.

No tocante a isso, os autores Amorim, Nobre, Coutinho e Oliveira (2019) nos provocam a pensar sobre como as populações em situação de rua têm sido abordadas no contexto brasileiro. No estudo, eles observaram que a sociedade capitalista neoliberal tende a vê-los como os que são violentos, que fracassaram como cidadãos, que se esquivam de suas responsabilidades e que escolhem estar naquelas condições precárias (AMORIM et al., 2019).

Júlia se posiciona:

Gente, aqui tem arte, aqui tem gente que tem profissão, que é formada. Tem gente que tem dinheiro, tem de tudo. Tem gente que sofreu sempre, e hoje em dia, no meio de nós, diz que é feliz (...) A gente não fala, né... de riqueza, de dinheiro. A gente não quer dinheiro e riqueza, a gente só quer simplesmente o que é por direito de um ser humano, cara. De um ser humano.

Uma das consequências do fortalecimento do neoliberalismo ao longo dos anos é a constante privatização dos bens e serviços, sendo que, à época do liberalismo clássico, era dever do Estado se responsabilizar em garanti-los (CHAUI, 2020; FARIAS e DINIZ, 2018). Se, de um lado, as políticas sociais se tornam precárias; do outro, a seguridade social ganha uma nova configuração: enquanto o Estado se omite, cabe ao

sujeito medir esforços para seus direitos básicos à condição humana (CHAUI, 2020). Na perspectiva de Isabel, por exemplo, nota-se o argumento de que, para os sujeitos conseguirem sair da situação de rua, basta que queiram isso, como se fosse uma questão exclusiva de responsabilização do sujeito:

Esse país nosso, ele tem muita dificuldade pra esse pessoal assim, mas também muita facilidade quando a pessoa quer (...) eles mesmos se... se engrandecem ao máximo por tá vivendo assim. Porque não paga uma conta, não tem responsabilidade, nem nada.

Diante desse trecho, é possível mencionar que, junto ao modelo neoliberal de produção, há uma espécie de insensibilidade que se alastra entre os diferentes modos de existência nas cidades (MACERATA, 2015). De acordo com Silva e Alexandre (2019), a marca de competitividade do neoliberalismo favorece o distanciamento intersubjetivo e coloca o sucesso no trabalho em primeiro lugar, quando comparado com a qualidade das relações afetivas entre os sujeitos. Em suas palavras: “é nesse sentido que é introjetada nos indivíduos as relações de mercado, sendo estas um meio de significação e atuação nessa nova realidade” (SILVA e ALEXANDRE, 2019, p. 7).

Em contraste à fala em que Isabel demonstra acreditar que as populações em situação de rua estão satisfeitas, Júlia comenta:

Ali não era só a bebida que eu tava bebendo, nem a droga que eu tava usando. Ali era tudo junto e misturado. Ali era minha raiva, meu ódio. “Por que eu tinha que tá assim? Por que não tinha uma casa? Por que eu não tinha um trabalho? Por que eu não tinha dignidade de ir e voltar? Por que eu não podia entrar nas lojas? Por que eu entrar num lugar tem que ser... tem que vir alguém atrás de mim?”

Nesse trecho, faz-se claro que Júlia, na posição em que esteve de moradora de rua, não era vista como uma sujeita da cidade. Ela estava reivindicando os lugares que queria ocupar nesses diferentes espaços simbólicos. Farias e Diniz (2018) observam que, cada vez mais, se constroem barreiras que segregam os grupos sociais. Para exemplificar, até mesmo os momentos de entretenimento têm sido reservados aos espaços fechados, aos quais só se tem acesso quem tiver poder de compra (FARIAS e DINIZ, 2018). Por outro lado, em algumas situações, não se tem tempo nem mesmo para

momentos de socialização e trocas afetivas uns com os outros. Nesse tocante, Isabel relata:

Às vezes na rotina, não dá nem tempo... é puxado, é puxado... tem dia de eu chegar em casa, querer só banhar e cama pra aguentar levantar no outro dia 4h da manhã! E assim é que a gente vai levando...

Viu-se anteriormente que um dos efeitos do neoliberalismo é levar o sujeito a admirar sua sobrecarga de trabalho, uma vez que o trabalho passa a ser considerada o principal condutor que constrói os sentidos de vida dos sujeitos (SEWAYBRICKER, 2012). Contudo, cabe sublinhar o quanto que a classe trabalhadora, constantemente submetida à exploração da força de trabalho, pode vir a ser a mais prejudicada diante desses modos de pensar (MASCARENHAS, 2021). Júlia diz:

Eles estão acostumados a comprar o nosso... a nossa... como é que é? A nossa vida, parceiro.

Ao procurar a palavra certa, Júlia hesitou e, ao mencionar “vida”, se surpreendeu com a própria palavra que verbalizou. Sendo assim, uma outra tendência da cultura neoliberal é a reduzir os sujeitos à ideia de empreendimento (CHAUI, 2020; DUNKER, 2021; DARDOT e LAVAL; SAFATLE; JUNIOR e DUNKER, 2021). Nesse tocante, embora Isabel trabalhe diariamente de modo integral e reafirme várias vezes que não está faltando nada no seu lar, ela deixa escapar:

Eu sinto que tá faltando alguma coisa (...) falta descobrir o que, mas uma hora eu consigo.

Com base na análise de todas essas informações, viu-se que a cultura neoliberal de felicidade está, de fato, amplamente relacionada às competências de produtividade e desempenho dos sujeitos. Ademais, a felicidade tem sido vista como um imperativo moral que auxilia na lógica mercadológica, pois o sujeito passa a operar a partir da premissa neoliberal de que há de se ter um constante aperfeiçoamento de si, não se tendo espaços para sofrimentos que os tirem da produção (CHAUI, 2020; HAN, 2017; SAFATLE; JUNIOR e DUNKER, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a presente pesquisa, esperou-se conseguir desenvolver uma reflexão crítica acerca dos ideais de felicidade disseminados na cultura neoliberal. O trabalho de campo junto da observação participante, permitiu com que houvesse uma maior aproximação da pesquisadora com as realidades dos sujeitos entrevistados. Com base nas informações qualitativas providas das entrevistas e dos registros do diário de campo, construíram-se análises que foram de encontro ao que foi discutido no referencial teórico da pesquisa.

Foi possível, portanto, compreender os determinantes sociais, políticos e psicológicos que estão por trás desses modos de se enxergar a felicidade como um imperativo moral do neoliberalismo. Além disso, viu-se que essas perspectivas de felicidade guardam relações com os processos de sofrimento psíquico dos sujeitos, considerando, ainda, seus diferentes modos de existência nas cidades.

Enquanto área de saber e práxis, a Psicologia deve ter como alicerce de suas pesquisas e atuações, um compromisso ético-político diante das questões macroestruturais que trazem consequências para os sujeitos. À vista disso, faz-se indispensável investigar de que formas os sofrimentos psíquicos se relacionam com os ideais culturais contemporâneos.

Entende-se que esta pesquisa não teve como intenção esgotar a construção de conhecimentos acerca do tema em questão. Ao contrário, o objetivo central foi mapear os terrenos que ainda precisam ser explorados, uma vez que se vê um fortalecimento do campo de discussões acerca das consequências do neoliberalismo na subjetividade dos sujeitos. O presente estudo, por exemplo, contou com uma limitação. Embora se tenha analisado os significados de felicidade para a cultura neoliberal, sugere-se que para futuras pesquisas, opte-se pela perspectiva de “bem-estar”, já que felicidade pode ser um tema muito subjetivo. Bem-estar, por sua vez, guarda interseccionalidades mais palpáveis com aspectos sociodemográficos que também se fazem importantes para essa temática.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ana Karenina Arraes; NOBRE, Maria Teresa; COUTINHO, André Felipe Jales; OLIVEIRA, Lis Paiva. Direitos humanos e população em situação de rua: investigando limites e possibilidades de vida. Em: NOBRE, Maria Teresa et al. (org.). **Vozes, imagens e resistências nas ruas: a vida pode mais!** Natal: EDUFRN, 2019.

BAPTISTA, Luis Antonio. Dispositivos residenciais e as máquinas do morar. Em: JACÓ-VILELRA, Ana Maria; CEREZZO, Antônio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (orgs.) **Anais do IV Encontro CLIO-PSYCHÉ - HISTÓRIA E MEMÓRIA**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2005.

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 17ª edição. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1999/2019.

CHAUI, Marilena. (2020). O totalitarismo neoliberal. **Anacronismo y Irrupción: Revista de Teoría y Filosofía Política Clásica y Moderna**, v. 10, n. 18, p. 307-328, 2019.

CHAUI, Marilena. Espinosa: ontogênese do singular e vida ética. **Dois Pontos: Revista dos departamentos de Filosofia da Universidade Federal do Paraná e da Universidade Federal de São Carlos**, v. 16, n. 2, p. 147-158, jul.2019.

COVALESKI, Rogério Luiz; VASCONCELOS, Juliana Kathleen Barbosa. “Queda livre”: o consumo como instrumento mestre na construção da felicidade. **Signos do Consumo**, São Paulo, v.12, n.1, p 42-56, jan/jun. 2020.

D’ÂNGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin . **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 237-250, 2006.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: boitempo, 2016.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. São Paulo: papyrus, 2001.

DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: planeta, 2021.

FARIAS, Tadeu; DINIZ, Raquel. Cidades neoliberais e direito à cidade: outra visão do urbano para a psicologia. **Revista psicologia política**, São Paulo, v. 18, n. 42, p. 281-294, ago.2018.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em Psicanálise: Algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 39(70): 257-278, jun. 2006.

FIGUEIREDO, Luis. Claudio. Trauma e dissociação na "contemporaneidade": de volta ao assunto vinte anos depois. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, v. 40, n. 39, p. 91-108, 2018.

FILHO, Odilon de Mello Franco. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 183-192, Jun. 2009.

FORTES, Isabel. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, dez. 2009.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. **Revista brasileira de psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 183-192, jun. 2009.

FRANCO; CASTRO; MANZI; SAFATLE; AFSHAR, 2021

FREUD, Sigmund. Tradução P. C. Souza. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: companhia das letras, 1930.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa, São Paulo, v. 39, p.13-21, 1995.

HAN, Byung. Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: vozes, 2015.

IRIBARRY, Isac Nikos. **O que é pesquisa psicanalítica?**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p.115-138, Jun. 2003.

KEHL, Maria. Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: boitempo, 2009.

KOVALESKI, Douglas; de OLIVEIRA, Walter. “Tecnologias do Eu” e cuidado de si: embates e perspectivas no contexto do capitalismo global. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 3, n. 6, p. 171-191. Jan. 2012.

MACERATA, Iacã Machado. (2015). **Traços de uma clínica de território**: Intervenção clínico-política na atenção básica com a rua (Tese de Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Angela Uchoa. A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. **Temas em psicologia**, v. 9, n. 1, p. 63-75. 2001.

MASCARENHAS, Guilherme Paim. A construção da classe trabalhadora nos processos de territorialização. Em: FARIAS, Tadeus Mattos; OLEKSZECHEN, Nikolas; BRITO, Monique Araújo de Madeiros (Orgs.) **Relações pessoa-ambiente na América Latina**: perspectivas críticas, territorialidades e resistências. Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. Em: M. C. S. Minayo (Org.), **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes. 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

PELEGRINI, Marta Regueira Fonseca. O Abuso de Medicamentos Psicotrópicos na Contemporaneidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 38-43, fev./nov. 2002.

QUINET, Antonio. **Um Olhar a Mais: Ver e ser visto na psicanálise**. Zahar, Rio de Janeiro. 2002.

SAFATLE, Vladimir; Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social. *In*: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, NELSON da Silva; DUNKER, Christian. (Orgs.), **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson. Da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: autêntica, 2020.

SEPE, Fernando. Spinoza crítico de Descartes: uma ética dos afetos como alternativa à moral. **Revista Conatus: Filosofia de Spinoza**, v. 7, n. 13, p. 25-32, jul.2013.

SEWAYBRICKER, Luciano Esposito. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Rafael Bianchi; ALEXANDRE, Ana Clara Siena. Políticas sociais e subjetividade: discussões a partir do contexto neoliberal. **Psicologia em pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2019.

SOUZA, Adelson Matias; OLIVEIRA, Cremilda Rodrigues de. Ser Feliz: reflexões sobre a felicidade e seus imperativos. **Saberes: Filosofia e Educação**, Natal, v. 1, n. 18, p. 7-19, maio/2018.

STECHEER, Antônio; FABIÁN, Rodrigo de la. A felicidade como promessa e como injunção da sociedade contemporânea: apontamentos para um programa de pesquisa sobre felicidade, governamentalidade neoliberal e psicologia positiva. **Ayvu, Rev. Psicol**, v. 3, n. 2, p. 26-56. 2017.

TAVARES, Larissa Ferreira. **Em busca da melhor versão contra si mesmo: sobre o coaching, a verdade e o governo da liberdade no neoliberalismo**. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

YAMAMOTO, Oswaldo. H. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético político? **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, n. esp., p. 6-17. 2012.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

1. O que é felicidade para você?
2. Como é transitar pelas ruas da cidade para você?
3. Quais seriam as primeiras palavras que te vêm em mente quando se fala sobre cidade? De onde será que essas palavras vieram?
4. Quais seriam as primeiras palavras que te vêm em mente quando se fala sobre felicidade? De onde será que essas palavras vieram?
5. Quais seriam as primeiras palavras que te vêm em mente quando se fala sobre trabalho? De onde será que essas palavras vieram?
6. Você acha que cidade e felicidade são duas coisas que se relacionam? Como seria isso?
7. Você acha que trabalho e felicidade são duas coisas que se relacionam? Como seria isso?
8. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

A (IN)FELICIDADE EM TEMPOS NEOLIBERAIS: RELAÇÕES COM OS MODOS DE EXISTÊNCIA NAS CIDADES

Centro de Ensino Unificado de Brasília

Pesquisadora responsável: Natasha Tonetti Abdul Hak

Professor Orientador: Leonardo Cavalcante de Araújo Mello

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é investigar as possíveis relações entre os modos de existência nas cidades e a forma com que se lida com as questões referentes à felicidade.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por ter se considerado uma pessoa que vive intensamente a cidade.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder, de forma livre, às perguntas que serão feitas sobre os modos de existência nas cidades e as experiências de felicidade.
- A entrevista individual será gravada, de modo que possibilite ao pesquisador escutá-la novamente, e utilizá-la para eventuais resultados de pesquisa.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos inerentes a qualquer pesquisa, na medida em que uma entrevista pode mobilizar processos subjetivos.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não

precisa realizá-lo.

- Com sua participação nesta pesquisa, você poderá refletir sobre a forma que se vive determinados aspectos.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- A entrevista e a gravação da mesma ficarão guardados sob a responsabilidade de Natasha Tonetti Abdul Hak, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____,
após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, _____ de _____ de _____.

Participante

Pesquisadora: Natasha Tonetti Abdul Hak | natasha.tonetti@sempreceub.com

Orientador: Leonardo Cavalcante de Araújo Mello | leonardo.mello@ceub.edu.br